ARTE visual em processo

Minhas Três Graças: O Ensaio.

ARTE visual em processo

N.º 14

Arte Visual: em processo

Em Processo é um projeto autoral dedicado a publicação de cadernos que registram diferentes proposições estéticas desenvolvidas por mim ao longo do tempo.

O conjunto destas publicações representa um memorial de meu percurso como professor/artista/pesquisador e se constitui num portifólio Estético e Didático de minha atuação profissional.

As publicações correspondem ao desenvolvimento de Pesquisas *sobre* e *em* Arte. Envolvem tanto as teorias da Arte e sua reflexão, quanto sua práxis por meio da aplicação de diferentes processos, técnicas, experimentações e proposições reveladas pelas obras delas decorrentes.
Trazem o relato de projetos ou séries segundo o percurso estético/didático desenvolvido para sua realização.

Autor/Editor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*
Dados profissionais: Plataforma Lattes:
http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Título: Minhas Três Graças: O Ensaio
Capa: Três reproduções de Vênus de Milo em resina.
Campo Grande - MS - 20

Primeiro: como surgiu a ideia de Ensaio? O conceito geral nasceu no campo da literatura filosófica, no final do século XVI, com Michel de Montaigne (1533–1592), quando publicou a primeira edição de seus *Essais* em 1580 que, mais tarde, em 588 e 1595 foi ampliada. O termo, do francês *essai*, deriva do verbo *essayer* :tentar, experimentar, logo, nada definitivo, mas em processo.

O ensaio fotográfico é bem mais recente e se dedica a um processo de produção que não busca esgotar um tema, mas *experimentá-lo* visualmente dando ao espectador a possibilidade de fazer associações e interpretações. O que torna o Ensaio um meio de criação e realização da práxis exploratória, algo que sempre me estimula e motiva.

Na edição de *Arte Visual: Em Processo N.2*, apresentei uma proposição, da década de 80/90 do século passado, na qual recorri a três reproduções em gesso da Vênus de Milo. O processo consistia em tingi-las de vermelho, azul e amarelo, depois fragmentá-las em partes desiguais para propor que os espectadores as remontassem aleatoriamente recriando-as, não como as imagens originais, mas como configurações misturando as peças.

Chamei aquela edição de *Vênus Defluximos*, que significa exatamente Vênus Fragmentada. Se quiser acessar aquela publicação é só clicar:
https://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual/em-processo/send/31-em-processo/1655-em-processo-n2-venus-defluximus

Foi justamente a ideia da fragmentação que orientou aquela obra, mas por ato do destino, foram extraviadas e, por tê-las perdido, me propus a refazer o processo. Consegui adquirir três novas Vênus, embora menores, em resina e melhor elaboradas, com elas pude retomar aquela proposição.

À esquerda a Vênus original, escultura em mármore atribuída a Alexandre de Antióquia, produzida em torno do século II a C. propriedade do Museu do Louvre. Abaixo as réplicas que adquiri.

Para iniciar o processo de replicação daquela proposta, segui o mesmo percurso: a primeira fase consistia em fotografar as peças, em seguida documentar o processo de fragmentação. Uma espécie de ritual macabro no qual as imagens seriam serradas sem dó nem piedade. Comecei a fotografar e percebi que as figurinhas ficavam “bem na foto” eram umas graças ou melhor, três graças, imediatamente percebi o potencial de outro projeto: “*Minhas Três Graças”*...

As Três Graças são, na mitologia grega, as *Cárites*: deusas que personificam a beleza, o encanto e a alegria. Seus nomes são: Aglaia - Esplendor; Tália - Bom Ânimo e Eufrosine - Alegria. Desde as primeiras representações na Grécia antiga, passando pela Roma antiga, mais tarde pelo Renascimento, depois Neoclássico e chegando até hoje. Na antiguidade apareciam vestidas, depois passaram a ser representadas nuas e abraçadas ou entrelaçadas.

Uma das primeiras representações das Três Graças é esta, foi encontrada num relevo do início do século V a.C. na Acrópole de Atenas.

Relevo encontrado na da ilha de Paros, datado do século 4 a.C.

Mosaico encontrado em uma vila romana em Patras, na Grécia. Século II ou III d.C., Museu Arqueológico de Patras.

As Três Graças, numa cópia romana em mármore, datada do século II d.C., acervo do Museu do Louvre.

Estas foram encontradas num afresco na Cidade de Pompéia, na Itália cuja idade foi estimada no século I a C.

Para efeito de exemplos, resolvi ficar apenas nas manifestações mais antigas, gregas ou romanas, pois se estendesse a pesquisa seriam centenas delas. Com referência ao projeto estimulado pelas figuras de Vênus, vale considerar que o tema não era as Três Graças, mas sim a Vênus de Milo. No entanto, ao fotografá-las fui me encantando pelas pequenas reproduções e resolvi realizar um ensaio fotográfico com elas.

Bem, se você acompanha minhas publicações já percebeu que os processos aos quais recorro são múltiplos e, para usar um termo que voltou à moda: multimodais, ou seja, o uso de diferentes recursos de origem visuais, materiais, verbais/conceituais e apropriação de objetos para a realização de meus trabalhos artísticos. Esta é a concepção que adoto na Pesquisa em Arte ao explorar as diferentes possibilidades propositivas em busca das manifestações artísticas.

Bem, mas o que tem a ver a *Vênus de Milo* com as *Três Graças*?

De fato, Nada!

Contudo o potencial para o desenvolvimento de outra proposição: um Ensaio Fotográfico tomando por referência o mito greco/romano das Três Graças... No caso, não seriam as imagens representadas naquela tradição, mas as Vênus mantendo algumas referências como o número delas: três.

Outro aspecto; a posição escolhida originalmente e suas variações e arranjos, enfim, uma nova proposta. A partir de então, quem diria, elas se tornaram "modelos" de uma proposição fotográfica. Passei a explorar as peças por meio da iluminação natural e posicionamento no espaço delimitado para a documentação/ensaio fotográfico. Na falta de um estúdio tive que recorrer ao bom e sempre bem-vindo improviso.

Uma das “vantagens” de se trabalhar com Arte é que quando surgem “adversidades”, ou seja, momentos de desafio, surge também a necessidade de resolver problemas, um estímulo à busca de soluções que, de outro modo, nunca apareceriam. Isto é muito bom para desenvolver a capacidade criativa. Improvisei um “estúdio” com fundo de papel negro e recorri à iluminação natural de uma janela para realizar o ensaio.

Bem, como se sabe, um “Ensaio” requer uma série de fotografias de um mesmo tema ou assunto com variações, neste caso havia um limite dinâmico, dado às características estáticas das modelos, mas para não fugir à tradição de representação das “*Três Graças*” a primeira fotografia não podia deixar de ser o conjunto das três figuras posicionadas como manda o figurino, ou seja, duas em posição frontal e uma de costas:

Por outro lado, nada me impede de reverter a tradição e inverter as posições colocando duas de costas e uma de frente:

Tampouco todas de frente, perfiladas ou não:

Repetindo a dose,
agora de costas...

Seguindo outros perfilamentos:

Ou numa “roda de conversa...”:

Olhando mais de perto:

Em mergulho: um “Plongée”:

Enfim, ensaiar é explorar as muitas possibilidades de algo. O ensaio fotográfico, adota o processo como meio, possibilitando o desenvolvimento de um olhar autoral através de séries abertas, sem conclusões definitivas. Autoria e serialidade são aspectos que o definem e, ao mesmo tempo, permitem explorar recursos semânticos e polissêmicos: portanto, não há respostas, mas várias perguntas...